

PARA PENSAR E VIVER OUTROS MUNDOS: O "Bem Viver" na comunidade indígena de mangueirinha-pr

Aruanã Antonio dos Passos¹
Luiz Mendes da Silva²
Maria de Lourdes Bernartt³

RESUMO: O presente artigo analisa o “Bem Viver” na comunidade indígena de Mangueirinha localizada na região Sudoeste do Estado do Paraná. A problemática se define pela investigação dos possíveis elementos do “Bem Viver” identificados na referida comunidade indígena. Traçamos como objetivo geral investigar a presença do “Bem Viver” na comunidade local e os objetivos específicos se concentraram em identificar os elementos que compõe a cultura do “Bem Viver” em literatura especializada, seguido de uma observação na comunidade indígena. Trata-se de pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, seguindo o método da observação com traços etnográficos inspirada na descrição densa de Clifford Geertz. Para suporte teórico metodológico utilizamos as contribuições de Acosta (2016), Geertz (1981) e Malinowski (1978). A observação in loco foi desenvolvida nos anos de 2017 e 2018. Por meio da presente pesquisa foi possível observar vários aspectos que atestam, através do modo de vida indígena e dos costumes cultivados, traços e características da cultura do “Bem Viver” presentes na respectiva comunidade indígena.

Palavras-Chave: "Bem Viver"; Cultura Indígena; Descrição densa; Mangueirinha-PR.

ABSTRACT: This article analyzes the “Bem Viver” in the indigenous community of Mangueirinha located in the southwestern region of Paraná State. The problem is defined by the investigation of the possible elements of “Bem Viver” identified in the referred indigenous community. Our general objective was to investigate the presence of “Bem Viver” in the local community and the specific objectives focused on identifying the elements that make up the “Bem Viver” culture in specialized literature, followed by an observation in the indigenous community. This is a qualitative,

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Pato Branco. E-mail: aruana.ap@gmail.com

² Licenciado em Educação Física pela UNICS - Universidade Católica do Sudoeste do Paraná - (2001) Especialização em Educação Física Especial pela Faculdade Iguazu, (2003). Especialização em Atividade Física e Saúde pela UNICENTRO - Universidade do Centro-Oeste do Paraná (2016) Mestrando em Desenvolvimento Regional - Linha de Pesquisa Educação e Desenvolvimento PPGDR - UTFPR Professor Efetivo de Educação Física da SEED - Secretaria do Estado da Educação do Paraná.- (QPM) - (2006) Professor Efetivo de Educação Física do Município de Pato Branco - Pr - (2010). E-mail: professorlula2.lm@gmail.com

³ Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR Campus Pato Branco. Mestrado e Doutorado em Educação (Unicamp). PhD em Educação. Especialista em Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino Tecnológico. Licenciada em Letras- Inglês. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da UTFPR, na Linha Educação e Desenvolvimento, na qual orienta no Mestrado e no Doutorado, os temas: Políticas públicas de educação e de desenvolvimento; Políticas públicas de educação para populações do campo; Políticas públicas migratórias; Políticas públicas para pessoas idosas; Educação em direitos humanos & diversidades. Membro do Comitê de Assessores de Áreas (CAA) da Fundação Araucária. Líder do Grupo de Pesquisa - GEPEL- Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Linguagem. Membro do Centro de Pesquisa e Apoio ao desenvolvimento Regional. Membro do Grupo de Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas (Unochapecó). (CEPAD). Membro do Grupo de Estudos sobre Imigrações para o Oeste de Santa Catarina (GEIROSC). Coordenadora de Projetos de Pesquisa e Extensão. E-mail: marial@utfpr.edu.br

exploratory research, following the observation method with ethnographic features inspired by the dense description of Clifford Geertz. For theoretical methodological support we used the contributions of Acosta (2016), Geertz (1981) and Malinowski (1978). The on-site observation was developed in 2017 and 2018. Through this research it was possible to observe several aspects that attest, through the indigenous way of life and the cultivated customs, characteristics and characteristics of the culture of “Bem Viver” present in the respective indigenous community.

Keywords: “Bem Viver”; Indigenous culture; Dense Description; Mangueirinha-PR.

INTRODUÇÃO

A temática central de nosso estudo aborda o “Bem Viver”, ou ainda, o “Sumak Kawsay”, uma expressão quíchua, uma língua falada por mais de 10 milhões de pessoas na América Latina, principalmente nos países andinos de Peru, Bolívia e Equador, uma expressão que traduz o modo de vida dos povos originários da América Latina, algo como Vida boa, vida plena, em comunidade, em harmonia com a natureza, difundido no Brasil com “Bem Viver”, passou a ser um movimento social e político e deixou de ser uma bandeira levantada por pequenos grupos ao ganhar destaque nas constituições de Equador (2008) e Bolívia (2009), este movimento revela uma aliança entre as tradições indígenas e o modo de vida nos dias atuais.

O “Bem Viver” centra-se na ideia da vida partilhada, da vida coletiva em comunidade, do viver e do conviver, da dignificação do ser e do bem estar, da vida em harmonia entre os homens e a natureza, reivindicando um modelo de vida de nossos antepassados, frente a imposição colonial do modelo de desenvolvimento ocidental. Tomamos como participantes da pesquisa, a comunidade indígena de Mangueirinha, situada no sudoeste do Paraná, constituída por índios de origem Kaingang. Propomo-nos a realizar vivências nesta comunidade, buscando compreender seu modo de vida, sua identidade, seus costumes e sua origem, sua relação com a natureza, com a vida em comunidade e com a terra. Buscando identificar indícios do “Bem Viver”, ou ainda elementos presentes na comunidade indígena que reflitam as noções de “Bem Viver” na vida comunitária local. Traremos para discutir o “Bem Viver”, Alberto Acosta, Economista Equatoriano, professor Universitário, Escritor e Político, foi Ministro de Minas e Energia, Presidente da Assembleia Nacional Constituinte do Equador, foi candidato à presidente da república do Equador em 2013, pelo partido da Unidade Plurinacional de Esquerda, e lançou em 2016, o livro: O “Bem Viver”, uma oportunidade de imaginar outros mundos.

Uma obra que apresenta o "Bem Viver" como uma saída para as crises e problemas da atualidade.

PARA COMPREENDER O "Bem Viver" – REFLEXÕES NECESSÁRIAS.

O cenário que encontramos hoje, ainda em meados do século XXI, é trágico, para não dizer desesperador, uma vez que o modelo de desenvolvimento capitalista trouxe consequências nefastas para a vida no nosso Planeta. Diante dos fatos, das constatações e de toda a agressões observada, agressões de cunho ambiental, social, individual e coletiva, passo a acreditar que se algum modelo econômico foi responsável pelo aumento da fome, da miséria, da destruição esse modelo, traz em seu conceito a captação de recursos, geração de riquezas, obtenção de lucros e acúmulo de capital, lucros esses que acabam nas mãos de poucos, nas mãos daqueles que, ao se beneficiar do sistema, acumulava recursos e a seus pares promovia novos investimentos e novas formas de se captar mais recursos e obter mais lucros. E na dinâmica desse movimento o que fica evidente é o aumento da fome, da miséria e da destruição.

O capitalismo é um sistema econômico oriundo de países europeus que teve início no final do século XVIII, impulsionado pela revolução industrial, primeiramente na Inglaterra, França e Alemanha e logo tomou corpo e se espalhou por diversos países no mundo, por sua força se impôs, e com sua grande capacidade de geração de riquezas se fez soberano. Pode-se ressaltar que o capitalismo trouxe algumas contribuições para a modernidade, contribuições econômicas, tecnológicas, que trouxe conforto e bem-estar, porém, essas contribuições não alcançaram a maioria da população, pois os efeitos do capitalismo se tornaram nocivos á maioria da população a partir do momento que os lucros e as riquezas ficavam nas mão de uma minoria, que foi, cada vez mais, se beneficiando desse novo sistema econômico e o capitalismo com o passar alguns séculos foi abrindo feridas durante toda sua existência e as consequências disso não se apresentam somente na questão ambiental, os resultados são observados sobretudo no tecido social que resultou em miséria física e social, com o aumento da fome e da miséria, gerou conflitos e separação de classes e acabou por criar um abismo entre os mais ricos e mais pobres.

Por desigual que fosse o processo, que cavou um abismo entre os mais ricos e os mais pobres, isso resultou efetivamente em uma progressão muito mais rápida das produções ao nível mundial. As consequências dessa visão de desenvolvimento são bem conhecidas e discutidas. Ela resultou em situações de miséria física e social profunda para as populações que não se beneficiaram dos seus ganhos. Gerou também conflito nas relações sociais e

confusões de sentido nas camadas socioeconômicas privilegiadas e nos países ricos. (RAYNAULT, 2004. p. 30)

O "BEM VIVER", REFLEXÕES INICIAIS

O "Bem Viver", praticado e cultivado pelos povos tradicionais indígenas vem ganhando força depois que um outro movimento surgiu no início do século XIX, como promessa de solução para os problemas globais, esse movimento, mais conhecido como "desenvolvimento", acabou se transformando num imperativo global, uma meta a ser alcançada, o desenvolvimento virou sinônimo de "evolução e progresso", encantando a todos, ricos e pobres, assim, todos os países deveriam perseguir essa meta para se tornarem nações desenvolvidas, o que acabou implicando com a difusão de um modelo de sociedade inspirado no modelo europeu. Conhecido ainda como eurocentrismo.

Porém, evolução e progresso, podem sinalizar tanto ascensão quanto a queda, de forma análoga, quando algo não está bem, pode "progredir" para pior, ou ainda, quando um indivíduo está doente, seu quadro clínico pode "evoluir" para óbito, assim foi a promessa do desenvolvimento, se transformou em uma metáfora que serviu apenas para legitimar uma estrutura de dominação entre desenvolvidos e subdesenvolvidos, Segundo Acosta (2016), "O mundo então, se ordenou para alcançar o desenvolvimento, surgiram planos, programas, projetos, teorias, metodologias e manuais de desenvolvimento" (Acosta 2016, p. 46). Assim, os países pobres, em especial os países da América latina, em um ato de generalizada subordinação e submissão, para entrarem neste movimento, assumindo a condição de países em desenvolvimento, foram submetidos a um reordenamento de seu modo de vida, sua cultura, seus costumes e tradições.

Neste sentido, emerge a busca por alternativas que possam superar esta ideia que nos foi imposta há séculos de que somente através do modelo de desenvolvimento dos países centrais, podemos atingir o progresso, precisamos superar esta visão e seguir adiante em busca de um desenvolvimento próprio, que contemple a coletividade, que possa atingir a todos, que promova equidade social e a boa convivência entre o homem e o meio ambiente e entre ele e a sociedade. O "Bem Viver" pode se apresentar como uma saída, uma possibilidade que precisa ser experimentada na tentativa de viver melhor, surge então como alternativa a esse desenvolvimento, uma opção ao modo de vida e na melhoria das relações do homem vivendo em sociedade, de onde ele extrai elementos necessários à sua existência. Segundo Acosta (2016, p. 39), o "Bem Viver" é "a princípio, uma cosmovisão

que integra várias culturas, portanto, o "Bem Viver" pode ser entendido como uma plataforma de pensamento intercultural em construção, que olha para o futuro para construir alternativas de desenvolvimento". Ainda, de acordo com o mesmo autor:

O "Bem Viver" é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de luta, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis. (ACOSTA 2016 p. 40).

Segundo Acosta (2016), o "Bem Viver", não é um princípio exclusivo dos povos indígenas, mas trata-se de uma filosofia de vida em construção e pode ser praticado e aplicável em outras realidades, por movimentos populares, por grupos de pessoas que buscam alternativas em defesa da vida, das relações harmoniosas entre os seres humanos, da construção de uma sociedade solidária e igualitária, em defesa dos direitos iguais, de uma melhor distribuição dos recursos, da preservação da biodiversidade, do fazer solidário, do consumo consciente, do equilíbrio e da harmonia entre os seres vivos e o meio ambiente. Esta é a base do "Bem Viver", a busca coletiva por melhores condições de vida.

O "Bem Viver" prima pela busca de sociedades verdadeiramente solidárias e sustentáveis, estabelecendo plena harmonia entre os homens e a natureza, que busque revalorizar diversidades nas diferentes culturas de seus povos e nos modos de vida suprimidos pelo modelo de desenvolvimento atual, onde os seres humanos possam ser vistos como uma promessa e não como uma ameaça. (ACOSTA, 2015 p. 70).

O "Bem Viver" é prioritariamente uma forma de proporcionar viabilidade para a vida, para as comunidades, para os diferentes povos, possibilitando viver com dignidade e com os elementos essenciais para suprir suas necessidades básicas, ou seja, o "Bem Viver" essencialmente nutre uma vida centrada na autossuficiência e na autogestão dos seres humanos que vivem em comunidade; um projeto emancipatório que implica fortalecer os valores básicos da democracia, igualdade, liberdade, solidariedade, diversidade e interculturalidade, incorporando conceitos de vida em sociedade, na conquista do "Bem Viver". O "Bem Viver" nos convida para uma nova visão e relação entre o homem e a natureza, no respeito a esta fonte de riqueza que apresenta suas fragilidades, o ser humano, precisa de forma urgente estabelecer uma outra relação com o meio natural, na busca por práticas sustentáveis, na conservação da biodiversidade, preservação dos ecossistemas e no respeito à mãe terra.



Figura 1 – Fluxograma dos conceitos que envolvem a cultura do "Bem Viver", segundo Acosta (2016), Gudynas (2011), Chamorro (2014), Mamani (2010), Boff (2012).

No Tecido social, torna-se necessário o respeito a todas as culturas, na prática da interculturalidade e da diversidade, tanto social quanto religiosa, estabelecendo a cultura de paz que podem nos levar a construção das sociedades solidárias, na busca pela equidade social e para o "Bem Viver". A temática "Bem Viver" fez-nos refletir sobre o modo de vida que o homem assumiu vivendo na modernidade, buscamos incessantemente o bem-estar material, a qualidade de vida, as melhores condições de vida, conforto, casas, carros, o poder de consumo e a presunção alienante de que isto nos traz felicidade, nos individualizamos de tal forma que acreditamos que os problemas ficam do outro lado do muro, e nos tornamos indivíduos egocêntricos, egoístas, acreditando que os problemas do mundo, não são nossos problemas.

Ao tratarmos de modernidade, nos referimos a partir da transição teórica operada por Descartes, com a ruptura com a tradição herdada, nesse sentido, modernidade como um ideário ou uma nova visão de mundo, onde o pensamento medieval é superado pela escolástica e o estabelecimento da autonomia e da razão, que acabou exercendo enorme influência na filosofia, na cultura e consequentemente nas sociedades ocidentais. Nesse sentido, a modernidade consolida-se com a revolução industrial, culminando com o desenvolvimento do capitalismo. Em reflexão à inviabilidade global do estilo de vida na modernidade, nos leva a um caminho de busca por soluções para as crises desse modelo de civilização, a própria sociedade moderna procura soluções para os problemas que foram surgindo com a modernidade. Deste modo, o "Bem Viver" passa a ser uma alternativa possível e imaginável para tentar minimizar os efeitos nefastos deste desenvolvimento. A

crítica ao modelo de desenvolvimento atual, nos levou da euforia ao desencanto e nos convida para uma reflexão sobre o quanto somos desenvolvidos e no entanto, poluímos mais, desmatamos mais, degradamos o meio ambiente em larga escala, assistimos o desenvolvimento de altas tecnologias e o domínio das ciências, o avanço da medicina, e em contrapartida, acompanhamos paralelo a isso a crise econômica, a crise política em todos os cantos do mundo, o aumento da fome, da miséria, da violência, da intolerância, das diversas formas de discriminação, do preconceito e de todas as formas de opressão do homem pelo homem.

ALGUNS APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Com objetivo de identificar as práticas de "Bem Viver" presentes nesta comunidade, a coleta de dados ocorre em dois momentos: 1) Através da observação participante, visando acompanhar as vivências na comunidade, mergulhar no dia a dia da comunidade, registrar as práticas diárias, na busca por identificar aspectos do "Bem Viver" presentes na comunidade; 2) Investigar o que é o "Bem Viver" para o indígena vivendo em meio aos costumes e crenças dos não indígenas. A observação participante é um método da antropologia que segundo Thales Costa, “consiste em o pesquisador se inserir, ser aceito, e participar dos eventos do grupo que está estudando, para assim entender a lógica que move essa comunidade” (COSTA 2010 p. 14). Quanto aos procedimentos de análise dos dados da pesquisa, utilizaremos o método de “descrição densa” que segundo Geertz (1978), em sua obra a interpretação das culturas, o método em pesquisa etnográfica, consiste em “Estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (Geertz 1978, p. 19).

Foram realizados trabalhos de campo durante todo o período do mestrado entre 2017 e 2018. Foram registradas em diário de campo todas as visitas com relatos em todas as observações que foram descritas através do método de descrição densa de Geertz (1978).

Traremos para análise um quadro com as categorias que Segundo Acosta (2016) são elencamos de acordo com a pesquisa teórica sobre a temática do "Bem Viver", na busca por identificar os elementos e as possíveis práticas presentes na cultura do "Bem Viver". As categorias tratam de elementos fundamentais para a construção do "Bem Viver", que foram classificados nesta ordem:

- 1) Homem X natureza; esta categoria trata das relações entre o homem e a natureza e toda biodiversidade da terra, neste aspecto Acosta (2016 p. 24), alerta que para a construção do "Bem Viver", a relação entre o homem e a natureza é fundamental, além de superar o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão muito mais diversificada e, certamente, complexa. Deste modo, as discussões sobre o "Bem Viver", termo em construção, são extremamente enriquecedoras;
- 2) Sociedades Solidárias; nesta categoria foram elencados elementos necessários para a construção da vida comunitária, das relações estabelecidas entre os indivíduos vivendo em comunidade;
- 3) Saberes tradicionais; esta categoria, aborda a preservação dos costumes, das tradições, práticas e conhecimentos ancestrais na vida comunitária;
- 4) Políticas Públicas para o "Bem Viver". As ações de ordem políticas que envolvem a comunidade, contribuem para a construção ou efetivação do "Bem Viver";

Apresentamos no quadro abaixo, 4 categorias do "Bem Viver" com os elementos encontrados no referencial teórico sobre o "Bem Viver", Acosta (2016): No quadro, buscamos identificar as categorias do "Bem Viver", bem como, os elementos encontrados no referencial teórico, para posteriormente identificarmos tais elementos na comunidade indígena investigada. Buscamos identificar a presença de tais elementos e características que compõe a filosofia do "Bem Viver", assim, através das categorias podemos identificar se tais os elementos, se encontram ou não na comunidade indígena de Manguairinha.

CATEGORIAS DO "BEM VIVER"	ELEMENTOS DO "BEM VIVER" (REFERENCIAL TEÓRICO)
HOMEM X NATUREZA	AMBIENTALISMO; VISÃO BIOCÊNTRICA; AGROECOLOGIA; SISTEMAS AGROFLORESTAIS; BIODIVERSIDADE, ECOSSISTEMAS;

SOCIEDADES SOLIDÁRIAS	CONSTRUÇÃO COLETIVA DEMOCRÁTICA; EQUIDADE SOCIAL; SOLIDARIEDADE; DIVERSIDADE SOCIAL/CULTURAL; RELACIONALIDADE; DESENVOLVIMENTO LINEAR; AUTONOMIA; IDENTIDADE CULTURAL; BEM COMUM.
SABERES TRADICIONAIS	VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE; CULTURAS ANCESTRAIS; PRESERVAÇÃO DA CULTURA; LINGUAGEM; COSMOVISÃO INDÍGENAS; PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS; COSTUMES; TRADIÇÃO; ESPIRITUALIDADE; VIDA EM PLENITUDE;
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O "BEM VIVER"	ESTADO PLURINACIONAL; DIREITO À ÁGUA; DIREITO AO TERRITÓRIO; DIREITO À ALIMENTAÇÃO; DIREITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA; DIREITOS COLETIVOS COMUNITÁRIOS; DIREITO A VIVER SUA COSMOVISÃO.

Quadro 1 – As Categorias e os elementos do "Bem Viver". Fonte: Autor.

Entre os aspectos pesquisados e a semelhança encontrada nos diálogos entre a prática e a teoria, um aspecto evidente é o saber conviver entre os membros da comunidade e essencialmente em se relacionar com a natureza, em sua representação maior, na visão indígena, Embora, elementos como os Saberes Tradicionais e as Políticas públicas são elementos fundamentais para a efetivação do "Bem Viver". A investigação proposta envolve a comunidade indígena como um todo, e pretende observar o dia a dia da reserva, o cotidiano indígena, o modo de vida, o cultivo da agricultura, o preparo e consumo dos alimentos, a relação com os familiares, as manifestações da cultura nas festas e comemorações, a cultura no espaço familiar, as atividades culturais no espaço escolar, a pintura, o artesanato, a música, a dança, as crenças, os ritos, os trajes e todas as formas de manifestações da cultura indígena, bem como suas representações e identidade da comunidade indígena, além de suas relações estabelecidas entre a comunidade. Tais aspectos foram analisados conforme os objetivos traçados para a pesquisa. Deste modo, o presente artigo pretende contemplar, para além do estudo teórico, as inserções á campo. As observações na comunidade indígena, o dia a dia, os costumes, hábitos tradicionalmente adquiridos e passados de geração em geração.

O "BEM VIVER" NA COMUNIDADE INDÍGENA DE MANGUEIRINHA.

A Comunidade Indígena de Manguairinha, localizada no sudoeste do Paraná, tem ao norte o Rio Iguaçu, ao sul o Rio Chopim, a leste o Rio Butiá e a oeste o Rio Lajeado Grande. Abrange os municípios de Manguairinha, Chopinzinho e Coronel Vivida, anteriormente denominados como Posto indígena de Manguairinha, Posto Indígena Cacique Capanema e Campina dos Índios. Teve sua delimitação territorial original pelo decreto 64 de 02/03/1903 pelo então governador Francisco Xavier da Silva, em fevereiro de 1961. Segundo fontes do portal Kaingang, a população da reserva teve um crescimento exponencial que passou de 180 Kaingang em 1946, para 310 em 1976, alcançando a marca de 1500 índios de etnias Kaingang e Guarani em 2005. No último censo de 2010, a população de indígenas na reserva contava com 1475 indígenas e atualmente conta com aproximadamente 1890 indígenas nas etnias Kaingang e Guarani.

Na Comunidade Indígena de Manguairinha vivem cerca de 1.890 (mil e oitocentos e noventa) índios das etnias Kaingang e Guarani. Estão espalhados em aproximadamente 18.000 (dezoito mil) hectares de terras, em meio a uma floresta de araucárias, mata preservada, e nela comportam as comunidades indígenas de Campina dos índios, onde se localiza a sede da reserva. Paiol Queimado e Água Santa localizam-se próximas da sede e pertencem ao município de Manguairinha; as comunidades de Trevo e Passo Liso ficam às margens da rodovia 363 e pertencem ao município de Coronel Vivida; já as localidades de Mato Branco e Palmeirinha pertencem ao município de Chopinzinho. A comunidade indígena de Palmeirinha é ocupada por índios de origem Guarani.

CATEGORIA: Homem-natureza

O primeiro aspecto percebido na comunidade foi a relação harmônica entre os indígenas e a natureza, aliás, eles são a própria natureza e suas visões de terra sagrada, de mãe terra, de Pachamama ainda estão presentes na comunidade, sua relação com água, com a mata, com as plantas, com os animais silvestres, seu convívio com a floresta, de onde vem boa parte de seu sustento. Como nos afirma Acosta (2016 p. 85). “Bons conviveres das comunidades com outras comunidades, bons conviveres de indivíduos e comunidades na e com a natureza”. Os indígenas de maneira geral, adultos, jovens,

crianças, e os idosos da comunidade de Mangueirinha, possuem uma relação sustentável com o meio em que vivem e isto fica evidente em suas práticas e costumes observadas na comunidade.

O que fica muito evidente para qualquer indivíduo que faça uma breve observação da cultura indígena, especialmente em comunidades grandes e com as características da comunidade indígena de Mangueirinha, é que a grande maioria dos ensinamentos e dos costumes são uma cópia daquilo que faziam seus pais e avós. Isso torna visível a transferência do conhecimento e dos ensinamentos passados de pai para filho, de avô para neto, não somente através da oralidade, mas, sobretudo das ações, do exemplo a ser seguido, das atividades cotidianas, da observação do tempo e do clima, da busca pelo alimento, da caça, da pesca, da coleta da lenha antes da chuva, do manuseio com o machado, com a foice, do uso de suas ferramentas diárias, do comportamento em relação aos mais velhos, do exemplo, admiração e respeito aos pais e avós. Os índios se organizam em grupos para a manutenção das roças, porém, o produto final é de posse do dono da terra, que, geralmente é de meio alqueire por família. Eles não utilizam agrotóxicos, não pela falta de acesso a esses produtos, mas pelos danos que podem causar ao meio ambiente, em conversa com alguns pequenos produtores indígenas, eles se reportam ao uso do agrotóxico como danoso ao meio ambiente, mata os pássaros, os bichos e se chega no rio, acaba matando os peixes, assim, o uso de pesticidas e venenos é prejuízo para os índios que não se alimentam somente dos produtos produzidos a partir do plantio, mas essencialmente de todas as fontes que a natureza pode oferecer de alimentos, como os peixes nos rios, os frutos das árvores, a caça dos animais.

CATEGORIA: Sociedades solidárias.

Sobre a construção das sociedades solidárias, encontramos na comunidade indígena, alguns elementos que se aproximam da cultura do "Bem Viver", elementos de relacionalidade, solidariedade, reciprocidade e partilha, a ajuda mútua entre os integrantes da comunidade indígena e suas ações bom convívio. Na comunidade de Paiol Queimado existe ainda uma horta comunitária, cultivada por todos, um ancião que mora na comunidade é o responsável pela produção e cuidados com a horta. Ele recebe sementes da associação de moradores e cultiva hortaliças que, ao estarem prontas para o consumo, são distribuídas pelos moradores da comunidade. Na horta são cultivadas: alface, cenoura,

repolho, tomate, abobrinha, pepino, chuchu, almeirão, abóbora, entre outros. Encontramos na comunidade de Paiol Queimado mais um indício de "Bem Viver": o cultivo de hortaliças e sua distribuição gratuita entre os moradores.

CATEGORIA: Saberes tradicionais.

Na categoria Saberes Tradicionais, identificamos elementos da cultura ancestral, como vivem em meio à natureza, possuem um contato íntimo com ela, reverenciam as florestas exuberantes, os rios caudalosos, a fauna e flora ricas e diversificadas. O Universo indígena é coberto de mistério e misticismo, herança de seus ancestrais, nos rituais de celebração a dança e o canto possuem um papel fundamental e grande influência na vida social do povo indígena Kaingang e Guaraní. Os índios Kaingangs e Guaranis dançam para celebrar atos, fatos e feitos relativos à vida e a seus costumes. Dançam enquanto se preparam para a guerra; quando voltam dela; para celebrar um cacique, safras, o amadurecimento de frutas, uma boa pescaria; para assinalar a puberdade de adolescentes ou homenagear os mortos em rituais fúnebres; dançam para espantar as doenças e as epidemias da comunidade, a dança faz parte da cultura milenar indígena e é cultivada pelos povos Kaingangs e Guaranis da comunidade indígena de Manguueirinha.

Entre os rituais e danças mais conhecidos dos índios estão o Toré e o Kuarup, a dança do Toré, apresenta variações de ritmos e toadas, dependendo de cada etnia indígena, utilizam o Maracá⁴, um chocalho indígena feito de uma cabaça seca de porungo, sem miolo, na qual se colocam pedras e sementes para marcar o tom das pisadas, os índios dançam em geral ao ar livre em um espaço próprio, num círculo, o ritual do toré é considerado o símbolo maior de resistência e união entre os povos indígenas. Esses rituais de dança fazem parte da cultura autóctone dos povos, tupinambá, Guaraní, Kaingang, Pankararé, Geripankó, Pataxó, Cantaruré, Tumbalalá, entre outros. As atividades tradicionais de pinturas, artesanato, as danças, os rituais, o cultivo das ervas medicinais, as competições tradicionais, são ensinadas de pai para filho, além da culinária indígena, numa transferência de tradição e cultura repassadas aos mais jovens, como forma de manter a história viva nas novas gerações. Em contato com as cozinheiras da escola indígena, aprendemos muitas receitas e comidas típicas dos indígenas, a base da culinária

⁴ - **Maracá**, conhecido ainda como bapo, maracaxá ou xuatê é um idiofone de agitação, constituído por uma bola, que pode ser de cartão, plástico ou cabaça, contendo sementes secas, grãos, arroz ou areia grossa.

indígena é o milho e a mandioca e muitas receitas e modo de preparo das comidas típicas são ancestrais e persistiram ao tempo sendo praticados nos dias atuais. Como exemplo:

BOLO AZEDO – feito de milho socado até transformar-se em fubá, mistura-se água e deixa-se por dois dias (em descanso), depois cobre-se com folhas do caetê e coloca-se no fogo, em meio às cinzas, para assar.

Entre as delícias da culinária indígena podemos citar, a Fuva que é o broto da couve flor cozido, a Paçoca de pinhão, o doce de jaracatiá, o bolo na taquara, a canjica, o Pinhão com a varana, além do churrasco indígena, Feito em fogo de chão, coloca-se lenha dentro de um buraco na terra, faz o fogo até virar brasa, as carnes são geralmente de animais nativos, javali, tatu, paca, cotia, veado, cateto (porco do mato), saracuras, pombas, e o dorso do frango.

CATEGORIA: Políticas públicas para o "Bem Viver"

Abordamos nesta categoria as políticas públicas que se convertem na busca pelo bem estar indígena, para melhoria de vida das pessoas, as leis e normas regem o "Bem Viver" comunitário, e a garantia de direitos que possam promover a qualidade de vida desta população, carentes de atendimento e propostas. Desde a chegada dos portugueses em suas terras. Segundo Piovezana (2010), “As comunidades indígenas, vinculadas à natureza e à cultura, reivindicam políticas públicas para a garantia de suas necessidades prementes. Essas políticas foram e são constituídas pelas lutas em prol da demarcação de terra, pelo direito à autonomia e à cidadania, pela saúde, habitação e educação e pelo gozo do que estabelece a Constituição Federal de 1988”. (Piovezana 2010, p. 40). No Brasil, as políticas públicas destinadas aos povos indígenas, também conhecidas como políticas indigenistas, onde se torna possível criar mecanismos jurídicos e administrativos específicos, em âmbito federal, para conduzir as relações junto aos povos indígenas. Segundo Cunha (1992), houve um verdadeiro ‘vazio legislativo’. Os índios sequer foram mencionados nas Constituições de 1824 e 1889.

As políticas iniciadas em 1910 abriram um novo período, a partir do qual a União passou a se responsabilizar e a se envolver diretamente com a questão indígena. Segundo a (Cunha 1987) “Na esteira desse movimento de opinião, foi criado pelo governo de Nilo

Peçanha, em 1910, o (SPI) Serviço de Proteção aos Índios, criado pelo Decreto nº 8.072 o (SPI) Serviço de Proteção aos índios, Tinha como objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional. (Cunha 1987, p. 77). A falta de garantia de terras para a sobrevivência física de inúmeros povos indígenas causou intensa depopulação provocada por fome e doenças (Ribeiro, 1979, p. 53). Em 1967, foi extinta O (SPI), dando origem à Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Na década de 1980, diversas manifestações indígenas passaram a ganhar visibilidade nacional. Com as mobilizações indígenas e das organizações de apoio, a constituição de 1988, passou por conferir um tratamento inédito aos povos indígenas. Através do (Art. 231) foi reconhecido o direito à diferença, rompendo com a tradição assimilacionista que prevaleceu até então. Ainda no (231) da Constituição Federal de 1988, foi garantido aos povos indígenas o direito ao usufruto exclusivo de seus territórios, tradicionalmente ocupados.

Através do (Art. 232), os povos indígenas e suas organizações foram reconhecidos como partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos, o que incentivou a expansão e a consolidação de suas associações. Para isso, foram definidos canais diretos de comunicação entre os índios, o Ministério Público e o Congresso Nacional. Com estas medidas, o conceito de “capacidade relativa dos silvícolas” (Código Civil, 1917), e a consequente necessidade do “poder de tutela” perderam validade e atualidade. Estas vitórias constitucionais precisariam, entretanto, ser regulamentadas e consolidadas politicamente.

No Paraná, os registros de acordos entre povos indígenas e lideranças indígenas são tão antigos quanto o projeto colonizador nas Américas, que, como em todo território nacional aconteciam em consonância com interesses específicos e regionais. Em acordo celebrado entre o Governo do Paraná do então Governador Moysés Lupion e o extinto órgão, (SPI) Serviço de Proteção aos Índios, em 12.05.1949 foi publicado no (D.O.U.) Diário Oficial da União, em 18.05.1949. ainda se encontram sub judice 8.975,76 hectares. obtendo escritura de doação (aos índios) de duas glebas remanescentes, lavrada em 1961. com Registro no Cartório de Imóveis de Mangueirinha em fevereiro de 1961 (8.804 hectares) + (8.975,76 hectares) sub judice. Área original: 16.376 hectares de território. A reserva indígena possui para o índio, um significado especial, nela, ele cria e constrói suas relações de poder, de pertencimento e empoderamento, na medida que se utilizam do território para preservar sua cosmovisão, construir e criar relações que estabelecem conexões com o meio em que vive, neste contexto, se encontram as manifestações de

identidade, da cultura e da cosmovisão indígena, ao que me parece, nos limites da reserva essas manifestações tornam-se mais efetivos e evidentes. Quando consolidadas, essas territorialidades provocam choques políticos, culturais, econômicos, ambientais e sociais. Deste modo, consolidam-se as relações de poder.

O DIREITO AO TRABALHO E RENDA

Ainda sobre as políticas públicas, abordamos o direito ao trabalho e renda das famílias dos indígenas da comunidade de dessas comunidades indígenas que se baseiam na produção de roças de subsistência, pomares, criação de galinhas e porcos. As famílias indígenas das terras de Mangueirinha, necessitam diversificar a renda para sobreviver e para complementar a renda familiar, os indígenas precisaram encontrar outros meios, assim, o artesanato recebe um destaque na economia dessas famílias, o artesanato é ensinado para os mais novos, como uma atividade profissional, os ensinamentos são passados geralmente pela mãe, e são destinados para as meninas, assim, os homens podem buscar outras formas de trabalho, enquanto que, o artesanato, desde sua confecção até a venda, fica atribuído para as mulheres da família, como forma de complemento da renda familiar.

ELEIÇÕES PARA O CACICADO

As eleições democráticas para a escolha do cacique e de suas lideranças também reflete uma política na construção do "Bem Viver", conforme reforça Acosta (2016 p. 98): "No entanto, será perigoso e inútil seguir falando do "Bem Viver" nas esferas públicas sem contar com mecanismos que permitam medir os avanços e retrocessos desse caminho" assim, a conquista de direitos pode se configurar em tais mecanismos para a construção do "Bem Viver". Bem como, da atenção às demandas necessárias de acordo com a realidade de cada comunidade, de cada grupo social, elencadas democraticamente, podendo ser diversos e múltiplos na busca pelo "Bem Viver". As eleições diretas para escolha do Cacique ocorreram no dia 26 de novembro de 2017, a eleição para o atual cacicado foi formalizada por nove candidaturas e contou com a maior concorrência dos últimos anos. Tinham direito a voto indígenas das etnias Kaingang e Guarani, maiores de 16 anos de idade e residentes nas sete comunidades que fazem parte da reserva. O Cacique

desempenha um papel muito importante na comunidade indígena; além de ser o representante dos índios junto à FUNAI e a outros órgãos governamentais, é conselheiro, amigo e próximo de todos os membros da aldeia, procura fazer o papel de mediador de conflitos e busca de melhorias com as lideranças locais. Também tem o papel de organizar a agenda da comunidade com as festas, os eventos esportivos, as reuniões das lideranças e demais atividades. É o representante máximo da aldeia e faz a mediação com instituições como FUNAI e outras entidades. Também lhe cabe zelar pela cultura de povo.

ELEMENTOS DO "BEM VIVER" OBSERVADOS NA COMUNIDADE INDÍGENA

As práticas encontradas na comunidade indígena, compõe a essência da cultura indígena, mantida e preservada, revelando a resistência das comunidades indígenas, passando por transformações, mas mantendo viva a base de sua cultura, suas relações com a natureza e com a vida comunitária, apresentando semelhanças e relações com a filosofia do "Bem Viver".

Relacionamos algumas práticas no quadro abaixo, tentando buscar aproximação com os conceitos teóricos sobre o "Bem Viver" e as práticas desenvolvidas na comunidade indígena, conforme quadro com as categorias, elementos e práticas encontradas na comunidade. De acordo com o quadro abaixo, na primeira coluna, encontram-se as categorias do "Bem Viver", na coluna do meio os elementos do "Bem Viver", encontrados na literatura especializada, e na terceira coluna as práticas encontradas na comunidade indígena de Mangueirinha.

CATEGORIAS DO "BEM VIVER"	ELEMENTOS DO "BEM VIVER" (REFERENCIAL TEÓRICO)	PRÁTICAS DO "BEM VIVER" (COMUNIDADE DE MANGUEIRINHA)
HOMEM X NATUREZA	AMBIENTALISMO; VISÃO BIOCÊNTRICA; AGROECOLOGIA; SISTEMAS AGROFLORESTAIS; VISÃO ECOCÊNTRICA; BIODIVERSIDADE; ECOSSISTEMAS.	PRESERVAÇÃO DA ÁGUA; RECUPERAÇÃO DAS FONTES; PRESERVAÇÃO DOS BIOMAS; REFLORESTAMENTO; HORTAS COMUNITÁRIAS; AGRICULTURA FAMILIAR;

		PRESERVAÇÃO DA FAUNA E FLORA.
SOCIEDADES SOLIDÁRIAS	CONSTRUÇÃO COLETIVA DEMOCRÁTICA; EQUIDADE SOCIAL SOLIDARIEDADE; DIVERSIDADE SOCIAL/CULTURAL DESENVOLVIMENTO LINEAR; AUTONOMIA; RELACIONALIDADE; IDENTIDADE CULTURAL BEM COMUM.	DECISÕES DEMOCRÁTICAS; COSTUMES TRADICIONAIS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS LAÇOS FRATERNOS; VÍNCULOS COMUNITÁRIOS; CELEBRAÇÕES; FESTIVIDADES; CONSENSO E DIÁLOGO VIDA COMUNITÁRIA
SABERES TRADICIONAIS	VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE; CULTURAS ANCESTRAIS; PRESERVAÇÃO DA CULTURA; LINGUAGEM; COSMOVISÃO INDÍGENAS; PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS; TRADIÇÃO COSTUMES; ESPIRITUALIDADE; VIDA EM PLENITUDE;	RESGATE DOS HÁBITOS INDÍGENAS; CONHECIMENTOS ORIGINÁRIOS; CRENÇAS; RITUAIS; DANÇAS; PINTURAS; ARTESANATO; CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS; CAÇA, PESCA E COLETA;
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O "BEM VIVER"	ESTADO PLURINACIONAL; DIREITO À ÁGUA; DIREITO AO TERRITÓRIO; DIREITO À ALIMENTAÇÃO; DIREITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA; DIREITOS; COLETIVOS COMUNITÁRIOS; DIREITO A VIVER SUA COSMOVISÃO.	ELEIÇÕES DEMOCRÁTICAS; LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS; ORDENAMENTO SOCIAL INTERNO; RESPEITO AS LEIS INDÍGENAS; JUSTIÇA E IGUALDADE; CÓDIGOS DE CONDUTA ÉTICA; DIRETRIZES E REGIMENTO INTERNO

Quadro 2 – Práticas e elementos do "Bem Viver", encontrados na comunidade indígena de Mangueirinha-PR. Fonte: Autor.

Podemos observar no quadro acima, as categorias, os elementos do "Bem Viver" e as práticas encontradas na comunidade, podemos perceber que os indígenas de Mangueirinha possuem uma forte relação com a natureza e dela extraem seu sustento, possuem noções de sustentabilidade, preservação e conservação dos recursos naturais, vivem em harmonia com a natureza e respeitam a biodiversidade da reserva, estabelecem com a terra o seu principal meio de sustento, assim, as práticas de degradação da natureza não são aceitas na comunidade. Em relação à vida em sociedade, apresentam laços

afetivos de vida comunitária, procurando ajuda mútua em vários segmentos da comunidade indígena, praticam a solidariedade, e as pequenas plantações alimentam tanto o dono da lavoura como os vizinhos. A horta comunitária é um bom exemplo de partilha e produção compartilhada, procuram o desenvolvimento linear, onde todos possam superar suas dificuldades produtivas, assim todos podem ser favorecidos na época do plantio e da colheita.

Os indígenas moradores da comunidade de Mangueirinha procuram estabelecer relações de respeito quanto à diversidade religiosa, não sendo proibido nenhum tipo de culto ou crença na comunidade indígena, sendo assim, são indivíduos livres para a escolha de sua religião de acordo com suas crenças. Nas práticas tradicionais, as festas e comemorações apontam vários indícios da preservação dos costumes e das práticas tradicionais, bem como da preservação da cultura dos antepassados, da caça, da pesca, da culinária, das vestimentas, da confecção das miçangas e colares, do artesanato, da pintura, do culto os rituais de dança e da manutenção da tradição do povo indígena. Possuem política e ordenamento interno, de modo que podem gerenciar as ações na comunidade, possuem código de conduta ética entre os indígenas, com objetivos de manutenção da lei e da ordem, na comunidade indígena é proibido roubar, é proibido consumir drogas ilícitas e proibido todo tipo de violência contra a mulher, as leis da comunidade seguem regimento interno passível de punição de acordo com as leis internas da comunidade, que pode variar desde advertência verbal pelo cacique e lideranças, ou até expulsão da comunidade indígena em casos mais grave.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou encontrar os elementos para analisar a presença e as possíveis manifestações de "Bem Viver" em comunidade indígena, nos debruçamos sobre os respaldos filosóficos do "Bem Viver", e nos concentramos em identificar as práticas ou ações que se aproximam da cultura do "Bem Viver" na comunidade indígena de Mangueirinha. Talvez um dos poucos consensos entre diferentes povos ou grupos sociais seja a busca por viver dignamente, com acesso a direitos básicos como educação, saúde, trabalho, lazer e o respeito as diferenças. Mas um dos aspectos que nos impede e nos afasta de uma "vida boa" é o fato de buscarmos isso individualmente. Acreditamos que estamos

superando a ideia de prosperidade baseada no mérito individual, que reforça privilégios de classe, raça e gênero que impedem que a maior parte da população viva bem e tenha seus direitos básicos garantidos, essa ideia perdeu sua força ao deflagrar todos os problemas que enfrentamos na atualidade.

O que vemos hoje, como o modelo de sociedade que nos deparamos no século XXI, é o acirramento do discurso de ódio, das violações de direitos humanos, aumento de apologia e incitação aos crimes contra a vida, contra a humanidade, discursos de racismo, intolerância religiosa, neonazismo, xenofobia e homofobia. Acompanhamos passivamente todo o tipo de discriminação, étnica, racial, cultural, social e religiosa, e a conseqüente naturalização da violência. Partindo desse diagnóstico, torna-se urgente disseminar valores democráticos e dos direitos humanos. Essa necessidade não é de hoje, mas o contexto atual, principalmente com o crescimento das redes sociais e a democratização do acesso, escancarou contradições étnicas, morais e sociais e reforçou a necessidade de reconstruir narrativas, da construção de novas propostas, novas soluções para velhos problemas.

É muito provável que, o modo de vida indígena, possa nos trazer algumas respostas, eles vivem cada vez mais preocupados com as relações entre o homem e a natureza, eles, através de suas sociedades solidária se preocupam com o próximo, os índios perceberam a muito tempo que os problemas da sociedade, é sim, um problema de todos um problema de todos, assim como as soluções para esses problemas não são apenas políticos, mas comunitários, e devem ser sanados coletivamente. A filosofia do "Bem Viver", nos provoca para a mudança de rumo sem perder a tradição, nos coloca defronte aos problemas para que possamos juntos, procurarmos soluções, e que estas sejam em benefício de todos. O "Bem Viver", envolve o melhoramento social na busca de visões que possam superar as deficiências da sociedade atual, dando um novo sentido ao viver bem coletivo, contemplando os aspectos ambientais, sociais, econômicos e culturais. "Nesta perspectiva, o "Bem Viver" se projeta como uma proposta de transformação civilizatória. E, por isso mesmo, adquire cada vez mais vigor também fora do mundo andino e amazônico". (Acosta, 2016 p. 156)

O "Bem Viver" busca por valores estratégicos que visam superar barreiras ideológicas, raciais, culturais, de gênero e religiosas. Modificações sociais, política e culturais, O "Bem Viver" suscita mudanças em nosso modo de vida, mudanças que só serão possíveis se houver transformações de nossos valores, com a tomada de consciência de que só construímos na coletividade e torna-se assim imprescindível um novo modelo de

sociedade, seja ele reconstruído ou recuperado, o "Bem Viver" clama pelo resgate, do respeito, da sabedoria e da dignidade humana. Esses são valores que reforçam a ideia que uma vida plena só é construída em comunidade. O "Bem Viver" que tratamos aqui, vai além dos direitos assegurados, é um princípio que depende da forma como lidamos um com o outro cotidianamente. No modo que enxergamos a vida em comunidade e na prática da construção das sociedades solidárias. Por fim, o "Bem Viver", nos convida para construirmos uma mudança de paradigmas na sociedade presente, demasiadamente centrada na visão antropocêntrica, para pensar e viver em comunhão com a natureza e possa ser visto como alternativas para a construção de novos mundos, realidade que, ainda pode, ser experienciada nessas ilhas de conhecimento e fraternidades concretas, que são as comunidades indígenas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O "Bem Viver" – uma oportunidade de imaginar outros mundos. Editora Elefante - 2015

BOFF, Leonardo – Sustentabilidade: o que é/ e o que não é – Ed. Vozes – Petrópolis – RJ 2012.

CAVALHEIRO, Aline. Trabalho Assalariado na terra indígena de Mangueirinha – Análise das estratégias Guarani e Kaingang – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR-UTFPR), Dissertação de mestrado, 2015.

COSTA, Thales Chaves, (2010) O Ator antropólogo A observação participante como ferramenta do ator para a construção do personagem - XVI Encontro de Pesquisa e Extensão - XVI ENCOPE/UERN, Mossoró - 14 a 16 de abril de 2010.

CUNHA, M. C. Política indigenista no século XIX, História dos índios no Brasil – 1992 – Companhia das Letras – São Paulo – SP.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Roberto P. A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento”. In: VIANA, G.; SILVA, M. e DINIZ, Nilo. (orgs.). O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GUIMARÃES, Verônica Maria Bezerra – Pertencer à terra: Resistência de saberes e diversidade da vida pelos Kaiowa-Guarani – Dissertação de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Universidade de Brasília – (UNB) 2016.

MAMANI, F. H. (2010) – Vivir Buen/ Buen Vivir: filosofia, políticas, estratégias y experiencias regionales – Bolívia – La Paz – 4 edição – 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril, 1978.

MALINOWSKI, B. Diary in the Strict Sense of the Term (Routledge 1967) um diário no sentido estrito do termo. São Paulo: Record, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade – Ed. Vozes - Petrópolis – RJ – 2001.

MORIN E. O desafio da complexidade. In:_____ Ciência com Consciência. 13^a ed. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2010.

RIBERIO, Darci. Antropologia. O processo civilizatório – Etapas da Evolução Sócio-cultural – Companhia das Letras – 1996.

PIRES, Maria Ligia Moura. Guarani e Kaingang no Paraná: Um estudo de relações intertribais. Tese de mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília, 1975.

PIOVEZANA, Leonel. Território Kaingang na mesorregião – Grande fronteira do Mercosul – Territorialidade em confronto - Tese de Doutorado - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – RS, 2010.

Site sobre o Movimento "Bem Viver" – www.bemviver.org, acesso em 15/04/2017, 26/05/2017, 27/07/2017.